Psicóloga
Danielle Cocenza

Artigo: História da Psicologia até o Século XX

1. Introdução:

- Apresentação do tema: a psicologia como ciência e prática social.
- Justificativa: importância de compreender sua evolução histórica.
- Objetivos: mostrar como a psicologia se consolidou até o século XX.
- Metodologia: revisão bibliográfica e análise histórica.

2. Raízes Filosóficas e Médicas:

- **Grécia Antiga**: Platão, Aristóteles e Hipócrates.
- **Roma e Idade Média**: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.
- Reflexões sobre alma, mente e corpo.
- Contribuições orientais (China, Índia).

3. O Iluminismo e a Pré-Ciência:

- Descartes e o dualismo mente-corpo.
- Locke e o empirismo.
- Avanços da fisiologia e medicina.
- A psicologia como campo em transição.

Psicóloga
Danielle Cocenza

4. Século XIX – Psicologia Experimental:

- Wilhelm Wundt e o laboratório de Leipzig.
- Estruturalismo (Titchener).
- Funcionalismo (William James).
- Primeiras aplicações práticas (educação, trabalho).

5. Século XX – Escolas e Correntes

- **Psicanálise**: Freud, Jung, Adler.
- **Behaviorismo**: Watson, Skinner.
- **Gestalt**: Wertheimer, Köhler, Koffka.
- **Psicologia Humanista**: Maslow, Rogers.
- **Psicologia Cognitiva**: Piaget, Vigotsky.
- Expansão da psicologia aplicada (clínica, organizacional, educacional).

6. Conclusão:

- Síntese da evolução histórica.
- Impacto das escolas no pensamento contemporâneo.
- Reflexão sobre a psicologia como ciência plural.

7. **Bibliografias**

1- Introdução

A psicologia, enquanto campo de saber, percorreu uma longa trajetória histórica até consolidar-se como ciência autônoma. Desde os primeiros questionamentos filosóficos na Grécia Antiga até os grandes sistemas teóricos do século XX, a busca por compreender a mente e o comportamento humano esteve presente em diferentes culturas e épocas. Essa evolução não ocorreu de forma linear, mas sim marcada por rupturas, debates e transformações que refletiam os contextos sociais, culturais e científicos de cada período.

Na Antiguidade, filósofos como Platão e Aristóteles já se preocupavam em explicar a natureza da alma e sua relação com o corpo, estabelecendo fundamentos que seriam retomados e reinterpretados ao longo dos séculos. Paralelamente, médicos como Hipócrates introduziam explicações naturalistas para os estados emocionais, relacionando-os a condições fisiológicas. Durante a Idade Média, o pensamento cristão reinterpretou essas concepções, enfatizando a interioridade e a espiritualidade como dimensões centrais da mente.

Com o Renascimento e o Iluminismo, a psicologia começou a se afastar da teologia e a se aproximar das ciências naturais. Filósofos como René Descartes e John Locke formularam teorias que influenciaram profundamente a compreensão da mente, ora defendendo sua separação do corpo, ora enfatizando a experiência como fonte de conhecimento. Esse período preparatório foi essencial para que, no século XIX, a psicologia pudesse se consolidar como disciplina científica, apoiada em métodos experimentais e laboratórios de pesquisa.

No século XIX, nomes como Wilhelm Wundt e William James inauguraram diferentes abordagens para o estudo da mente, estabelecendo a psicologia como ciência independente. Já no século XX, a disciplina se diversificou em múltiplas correntes, como a psicanálise, o behaviorismo, a Gestalt, a psicologia humanista e a psicologia cognitiva, cada uma oferecendo

respostas distintas para os desafios de compreender o comportamento humano.

Assim, a história da psicologia até o século XX revela não apenas o desenvolvimento de uma ciência, mas também a construção de um campo plural, capaz de dialogar com diferentes áreas e de oferecer contribuições práticas para a vida cotidiana. Este artigo tem como objetivo apresentar essa trajetória, destacando os principais marcos e autores que moldaram a disciplina, e refletir sobre o impacto dessas transformações na consolidação da psicologia como ciência e prática social.

2- Raízes Filosóficas e Médicas :

A psicologia tem suas origens na filosofia e na medicina, especialmente na Grécia Antiga. Platão concebia a alma como imortal e distinta do corpo, defendendo que o conhecimento verdadeiro só poderia ser alcançado pela razão e pela contemplação das ideias. Aristóteles, por sua vez, via a psique como princípio vital, inseparável da matéria, e elaborou uma teoria mais naturalista, considerando que a mente estava ligada às funções biológicas e ao desenvolvimento humano. Hipócrates, considerado o pai da medicina, introduziu uma visão naturalista dos estados emocionais, relacionando-os aos humores corporais, antecipando uma abordagem médica para os fenômenos psicológicos.

Na Idade Média, o pensamento cristão reinterpretou essas ideias. Santo Agostinho enfatizou a interioridade e a busca de Deus como caminho para compreender a alma, destacando a importância da memória e da vontade. São Tomás de Aquino conciliou filosofia aristotélica e teologia, discutindo razão e fé como dimensões complementares. Em outras culturas, como na Índia e na China, surgiram reflexões sobre consciência e equilíbrio mental, muitas vezes ligadas à espiritualidade e práticas médicas tradicionais. Essas contribuições, embora não configurassem ainda uma psicologia científica, foram fundamentais para a construção de um campo de saber que buscava compreender a mente e o comportamento humano.

3- O Iluminismo e a Pré-Ciência:

Com o Renascimento e o Iluminismo, a mente humana passou a ser estudada sob novas perspectivas. René Descartes formulou o dualismo mente-corpo, defendendo que a alma era distinta da matéria, mas interagia com ela por meio da glândula pineal. Essa concepção marcou profundamente o pensamento moderno, estabelecendo uma separação entre o físico e o mental. John Locke, por sua vez, propôs a mente como “tábula rasa”, formada pela experiência, inaugurando uma visão empirista que influenciaria profundamente a psicologia.

Nesse período, avanços na fisiologia e na medicina, como os estudos sobre o sistema nervoso, aproximaram a psicologia das ciências naturais. Filósofos como David Hume e Immanuel Kant também contribuíram para a compreensão da mente, discutindo temas como percepção, conhecimento e moralidade. A psicologia ainda não existia formalmente, mas já se delineava como campo autônomo, afastando-se da teologia e aproximando-se da filosofia natural. Essa fase preparatória foi essencial para que, no século XIX, a psicologia pudesse se consolidar como ciência experimental.

4-Século XIX – O Nascimento da Psicologia Científica:

O século XIX marcou a transição definitiva da psicologia para ciência experimental. Wilhelm Wundt fundou em 1879, em Leipzig, o primeiro laboratório dedicado ao estudo da mente, utilizando métodos rigorosos de introspecção. Sua escola, o estruturalismo, buscava analisar os elementos básicos da consciência, como sensações e percepções. Edward Titchener, discípulo de Wundt, levou essas ideias para os Estados Unidos, aprofundando a análise introspectiva.

Nos Estados Unidos, William James desenvolveu o funcionalismo, defendendo que a mente deveria ser estudada em termos de suas funções adaptativas. Essa abordagem valorizava a experiência prática e a relação entre mente e ambiente. Paralelamente, avanços na psicologia aplicada começaram a surgir, especialmente em educação e trabalho, mostrando que a disciplina poderia contribuir para problemas sociais concretos. Outros nomes importantes desse período incluem Hermann Ebbinghaus, que estudou a memória, e Francis Galton, que investigou diferenças individuais e inteligência. Essa fase foi marcada pela busca de métodos científicos para compreender a mente, consolidando a psicologia como disciplina autônoma.

5-Século XX – As Grandes Escolas:

O século XX consolidou a psicologia como ciência plural, marcada por diferentes correntes teóricas. A psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, introduziu o conceito de inconsciente, explorando sonhos, desejos reprimidos e mecanismos de defesa. Freud influenciou não apenas a psicologia clínica, mas também literatura, arte e filosofia. Carl Jung e Alfred Adler ampliaram a psicanálise, trazendo novas perspectivas sobre arquétipos e relações sociais.

O behaviorismo, liderado por John Watson e B. F. Skinner, defendeu que a psicologia deveria estudar apenas comportamentos observáveis, utilizando experimentos controlados. Essa abordagem dominou a psicologia americana por décadas, influenciando práticas educacionais e terapêuticas. A Gestalt, com Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka, enfatizou que a percepção deve ser entendida como totalidade organizada, e não como soma de partes isoladas.

A psicologia humanista, com Abraham Maslow e Carl Rogers, valorizou a experiência subjetiva, a liberdade e o potencial humano, propondo uma visão mais positiva da natureza humana. Já a psicologia cognitiva, com Jean Piaget e Lev Vigotsky, trouxe contribuições fundamentais para o estudo da aprendizagem e do desenvolvimento, destacando processos mentais como memória, linguagem e raciocínio. Essas escolas não apenas enriqueceram o campo teórico, mas também ampliaram as aplicações práticas da psicologia em áreas como clínica, educação, organizações e saúde pública.

6-Conclusão:

A trajetória da psicologia, desde suas origens filosóficas até sua consolidação como ciência no século XX, revela um campo em constante transformação e profundamente marcado pelos contextos históricos e culturais de cada época. Na Antiguidade, filósofos como Platão e Aristóteles lançaram as bases conceituais ao refletirem sobre a alma e sua relação com o corpo, enquanto médicos como Hipócrates introduziram explicações naturalistas para os estados emocionais. Esses primeiros passos, ainda vinculados à filosofia e à medicina, foram fundamentais para a construção de um saber que buscava compreender a mente humana.

Durante a Idade Média, o pensamento cristão reinterpretou essas concepções, enfatizando a espiritualidade e a interioridade como dimensões centrais da mente. Já no Renascimento e no Iluminismo, a psicologia começou a se afastar da teologia e a se aproximar das ciências naturais, com autores como Descartes e Locke formulando teorias que influenciaram profundamente a compreensão da mente e do comportamento. Essa fase preparatória foi essencial para que, no século XIX, a psicologia pudesse se consolidar como disciplina científica, apoiada em métodos experimentais e laboratórios de pesquisa.

No século XIX, Wilhelm Wundt inaugurou a psicologia experimental, estabelecendo um marco decisivo para a disciplina. William James, por sua vez, trouxe uma perspectiva funcionalista, valorizando a adaptação da mente ao ambiente. Esses avanços abriram caminho para que, no século XX, a psicologia se diversificasse em múltiplas correntes teóricas, como a psicanálise, o behaviorismo, a Gestalt, a psicologia humanista e a psicologia cognitiva. Cada uma dessas escolas ofereceu respostas distintas para os desafios de compreender o comportamento humano, enriquecendo o campo teórico e ampliando suas aplicações práticas.

Ao final do século XX, a psicologia já se apresentava como ciência plural, capaz de dialogar com diferentes áreas e de oferecer contribuições concretas para a vida cotidiana. Essa pluralidade é, ao mesmo tempo, uma riqueza e um desafio, pois exige que o psicólogo esteja preparado para lidar com diferentes perspectivas e metodologias. A história da psicologia mostra que compreender a mente humana é tarefa complexa e multifacetada, que não pode ser reduzida a uma única abordagem.

Portanto, a evolução da psicologia até o século XX não deve ser vista apenas como o desenvolvimento de uma ciência, mas como a construção de um campo de saber que reflete a própria complexidade da experiência humana. Essa trajetória evidencia que a psicologia é, ao mesmo tempo, ciência e prática social, comprometida com a compreensão e a promoção da saúde mental, da educação e do bem-estar. Ao olhar para o futuro, é possível afirmar que a psicologia continuará a se transformar, acompanhando as mudanças da sociedade e buscando novas respostas para os desafios da existência humana.

7- Bibliografia:

- ARISTÓTELES. *De Anima*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984.
- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GALTON, Francis. *Hereditary Genius*. London: Macmillan, 1869.
- HIPÓCRATES. *Tratados Médicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- JAMES, William. *The Principles of Psychology*. New York: Henry Holt, 1890.
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MASLOW, Abraham. *Motivação e Personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PIAGET, Jean. *A Psicologia da Criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TITCHENER, Edward Bradford. *An Outline of Psychology*. New York: Macmillan, 1896.

- VIGOTSKY, Lev Semionovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WUNDT, Wilhelm. *Principles of Physiological Psychology*. London: Swan Sonnenschein, 1904.



Autora: Danielle de Menezes Cocenza - CRP 05/44030 - @Danielle Cocenza – Setembro/2026 - site: daniellecocenza.psc.br - whatssap para mensagem 21 971125991